

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	GM (Saneamento & Saúde)
Data	9/7/2002 Pg 06
Class.	154

AMAZÔNIA

Projeto vai avaliar efeito de queimadas no clima

Virginia Silveira
de São José dos Campos

O mais abrangente projeto de pesquisa do ecossistema da Amazônia e sua influência no clima mundial (LBA) inicia em agosto a segunda maior campanha de medições em campo para avaliar o nível de influência dos aerossóis de queimadas no regime de chuvas da floresta. Os cientistas ligados ao LBA querem aprofundar os estudos sobre os possíveis efeitos nas nuvens e nas chuvas do início da estação chuvosa na região devido aos aerossóis e aos contrastes entre a área de floresta e a desmatada.

O programa LBA (Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera da Amazônia), uma iniciativa internacional de pesquisa liderada pelo Brasil, deve reunir cerca de 150 pesquisadores na nova campanha, que tem previsão de gastos de US\$ 2 milhões. As medições em campo da nova campanha cobrem uma área de 400 km ao longo da Rodovia BR 364, entre os municípios de Porto Velho e Ji-Paraná, em Rondônia.

A pesquisa será desenvolvida com a ajuda de duas aeronaves laboratório, equipadas com instrumentos meteorológicos. Os aviões pertencem ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e a Fundação Cearense de Meteorologia. "Ao contrário da primeira grande pesquisa de campo realizada em 1999, que teve a participação majoritária da Nasa (Agência Espacial Americana), a deste ano terá 80% da parte financeira e técnica liderados pelo Brasil", comenta o coordenador do LBA, Carlos Nobre.

As duas últimas campanhas do LBA foram realizadas na região de Manaus, em julho do ano passado, sobre a química da atmosfera durante a estação seca e na região de Santarém para estudar a formação de nuvens durante a estação seca e a influência dos Rios Tapajós e Amazonas na formação de nuvens. Os resultados dessas campanhas estão sendo apresentados essa semana, em Manaus, durante a II Conferência Científica Internacional do projeto LBA, até amanhã, quarta-feira.

Além da discussão de temas como o ciclo do carbono na Amazônia, cerca de 400 cientistas dos 15 países que participam do LBA,

também debaterão o problema da poluição urbana de Manaus. "Na pesquisa de química da atmosfera feita no ano passado, em Manaus, constatamos que a pluma de poluição do ar da cidade se estende por mais de 100 quilômetros, podendo afetar a floresta", disse.

Segundo Nobre, essa poluição acentuada tem relação com as reações fotoquímicas da atmosfera, que ocorrem com a radiação solar. "Como a radiação é intensa no clima tropical úmido e quente, elas ocorrem com rapidez. O resultado é o aumento considerável do ozônio troposférico, que fica próximo da superfície", afirmou.

Outra questão que será debatida na Conferência é o papel da ciência do LBA para a sustentabilidade do desenvolvimento da Amazônia que é, inclusive, o tema da palestra

O programa LBA deve reunir 150 pesquisadores; a previsão de gastos é de US\$ 2 milhões

do programa, Carlos Nobre. "Os modelos de cooperação interinstitucionais são inadequados para resolver a questão da sustentabilidade da Amazônia. Precisamos de instituições científicas muito fortes na região para mudar o atual modelo de cooperação norte-sul". Na opinião do pesquisador, é fundamental que se criem parcerias permanentes para permitir que os recursos humanos do Hemisfério Sul sejam capacitados de forma adequada. No Brasil, segundo Nobre, o "gap" que existe entre a ciência na região Sudeste e na Amazônia, não é uma questão trivial de se solucionar. "O LBA não se propõe a corrigir esta distorção regional, mas é uma grande oportunidade para começarmos a mudar esta situação".

Segundo Nobre, a região Amazônica tem um problema grave de fixação de recursos humanos na área científica. O LBA, de acordo com o pesquisador, tem um programa de educação e treinamento que prevê a formação de, pelo menos, 100 mestre e doutores da Amazônia. Atualmente, a somatória de mestres e doutores em formação na região é de cerca de 40 pessoas. "Em todo o Brasil, este número já chega a 100. Se conseguirmos formar 30 doutores na Amazônia já será um número significativo", disse ele. A questão mais importante, no entanto, segundo Nobre, é não deixar esse pessoal sair da região.